

NÃO CUMPRIR O DEVER, NO PLANO DA SEGURANÇA NACIONAL, POR MEDO DE PERDER ELEIÇÕES

Winston Churchill

Em 25 de Novembro de 1936, os embaixadores de todas as potências em Berlim foram chamados ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, onde o Sr. von Neurath lhes deu conhecimento das cláusulas do Pacto Anticomintern que acabara de negociar com o governo japonês. O objectivo deste pacto era levar a cabo uma acção comum contra as actividades internacionais do Comintern, tanto no interior dos Estados signatários como fora deles.

Durante todo o ano de 1936, a ansiedade da nação e do Parlamento não cessara de aumentar. Concentrava-se, essencialmente, sobre a nossa defesa antiaérea.



Stanley Baldwin e Winston Churchill (c. 1930)

Durante o debate que se seguiu ao Discurso do Trono, em 12 de Novembro, censurei severamente o Sr. Baldwin¹ por não ter cumprido a promessa que havia feito de «qualquer governo deste país – um Governo Nacional mais do que qualquer outro, e *este* Governo – velaria para que a nação não se encontrasse por muito mais tempo num estado material de inferioridade no espaço aéreo, relativamente a qualquer nação situada a distância de ataque das nossas costas». Disse-lhe, então:

O governo é simplesmente incapaz de tomar uma decisão ou de forçar o primeiro-ministro a tomar uma. Consequentemente, os membros do gabinete enredam-se em paradoxos estranhos, muito decididos a nada decidir, muito resolutos a nada resolver; põem toda a sua energia em se deixarem andar à deriva, esforçando-se por ser maleáveis e por colocar todas as suas forças na demonstração da sua impotência. Continuamos a preparar mais meses e anos – que são de tão grande importância para a grandeza da Inglaterra e que poderão ter para ela, talvez, uma importância vital – para serem devorados pelos gafanhotos.

¹ Stanley Baldwin, membro do Partido Conservador, foi três vezes primeiro-ministro. A última vez, a que se refere o presente texto, decorreu de Junho de 1935 a Maio de 1937. Seria substituído por Neville Chamberlain.

O Sr. Baldwin respondeu-me com um discurso digno de atenção:

Quero dirigir-me à Câmara com a maior franqueza... A divergência de opinião entre o Sr. Churchill e eu próprio já remonta a antes de 1933. Em 1931-32, apesar de a oposição não o admitir, houve um período de crise financeira. Mas não houve só isso. Gostaria de recordar à Câmara que não apenas uma vez, mas por diversas vezes, nos meus discursos, em vários locais, quando eu defendia com todas as minhas forças os princípios democráticos, sublinhei que *uma democracia está sempre atrasada dois anos em relação ao ditador*. Creio que isto é verdade. Prova-o o caso presente. Apresentei os meus pontos de vista a toda a Câmara, com uma franqueza extraordinária. Lembrar-se-ão de que, na época, estava reunida em Genebra a conferência do desarmamento. Também devem recordar-se de que reinavam então no país sentimentos provavelmente mais pacifistas do que em qualquer período posterior à Grande Guerra. Lembrar-se-ão de que *as eleições de Fulham, no Outono de 1933, quando um mandato que pertencia ao Governo Nacional foi perdido por cerca de sete mil votos o foi por causa de um debate unicamente sobre o pacifismo*... A minha posição como líder de um grande partido não era nada confortável. Perguntei a mim próprio que probabilidade existiria – sabendo que o sentimento que fora expresso em Fulham era o dominante em todo o país – que probabilidade existiria, dentro de um ou dois anos, de o país modificar esse sentimento e outorgar um mandato para o rearmamento? *Não consigo pensar em nada que, na minha opinião, tornasse mais certa a perda da eleição*.

Tratava-se, na verdade, de uma franqueza assombrosa. Levava a crua verdade sobre as suas motivações aos limites da indecência. Que um primeiro-ministro confessasse que não tinha cumprido o seu dever porque temia perder uma eleição configurava um incidente sem paralelo na nossa história parlamentar. O Sr. Baldwin não estava, naturalmente, movido por qualquer motivo ignóbil para se manter no poder. Em 1936, estava, de facto, desejoso de se retirar. A sua política era ditada pelo medo de que, se os Socialistas tomassem o poder, ainda fizessem menos do que o seu governo tencionava fazer. Todas as suas declarações e votos contra medidas de defesa se encontram registadas. Mas isso não constituía uma defesa completa e, sobretudo, não prestava justiça ao espírito do povo britânico. O aplauso que suscitara no ano anterior a ingénua confissão de erro de cálculo, na questão da paridade aérea, não se repetiria nesta ocasião. A Câmara estava chocada. Na realidade, a impressão causada foi tão dolorosa que podia bem ter sido fatal para o Sr. Baldwin, o qual, nessa ocasião, estava também com problemas de saúde, se o imprevisível não tivesse acontecido.

[Churchill referia-se à abdicação de Eduardo VIII, em 11-12-1936]

In Winston Churchill, The Second World War

Tradução de David Martelo, a partir da versão francesa da obra – *Mémoires sur la deuxième Guerre Mondiale – Vol. I – L’Orage Approche – D’Une Guerre à l’autre – 1919-1939*, Plon, Paris, 1948, pp. 220-221. – Outubro de 2018